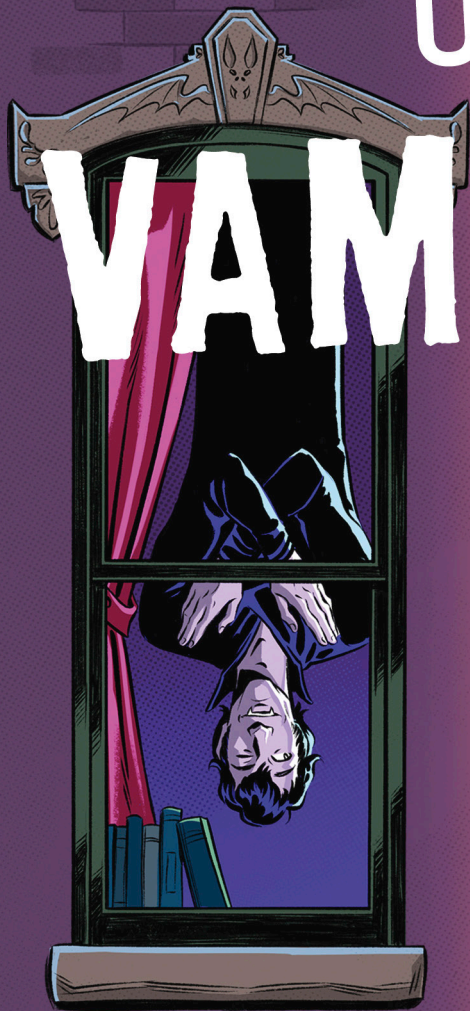


MORANDO COM  
UM

# VAMPIRO



JENNA LEVINE



MORANDO COM  
UM

VAMPIRO

TRADUÇÃO DE  
LÍGIA AZEVEDO



JENNA LEVINE

Copyright © 2023 by Jennifer Prusak

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial em qualquer formato. Direitos de tradução acordados com Portfolio, um selo da Penguin Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

My Roommate is a Vampire

REVISÃO

Ilana Goldfeld

PROJETO GRÁFICO

Daniel Brount

DIAGRAMAÇÃO

Henrique Diniz

DESIGN DE CAPA

Colleen Reinhart

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Roxie Vizcarra

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

L645m

Levine, Jenna

Morando com um vampiro / Jenna Levine ; tradução Lígia Azevedo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.

Tradução de: My roommate is a vampire

ISBN 978-85-510-1065-5

1. Romance americano. I. Azevedo, Lígia. II. Título.

23-87589

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 — Barra da Tijuca

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Brian, que me faz rir e sempre  
topa adotar só mais um gato.*

# UM



## **Procura-se alguém para dividir apartamento espaçoso de terceiro andar em Lincoln Park**

*Olá. Estou procurando alguém para dividir meu apartamento. É um imóvel espaçoso para os padrões modernos, com dois quartos grandes, sala de estar aberta e uma cozinha semiprofissional que também faz as vezes de sala de jantar. Além disso, janelões na parede leste, que fornecem uma vista impressionante do lago. O apartamento está totalmente mobiliado, em um estilo clássico e com muito bom gosto. Raramente fico em casa depois do pôr do sol, de modo que, se você trabalhar no horário tradicional, em geral terá o apartamento só para si.*

*Valor do aluguel: \$200. Nada de animais de estimação, por favor. Todas as dúvidas podem ser enviadas para [ffitzwilliam@gmail.com](mailto:ffitzwilliam@gmail.com).*

– DEVE TER ALGUMA COISA ERRADA COM ESSE LUGAR.

– Olha, Cassie, é um baita negócio...

– Esquece, Sam.

Essa última parte saiu um pouco mais firme do que eu pretendia, mas não muito. Embora eu precisasse da ajuda dele, meu constrangimento por estar em tal situação fazia com que aceitar essa ajuda fosse difícil. Sam tinha boas intenções, mas sua insistência em se envolver em tudo estava me dando nos nervos.

Em defesa de Sam — meu amigo mais antigo, que havia muito se acostumara com o meu mau humor em momentos de estresse —, ele não disse mais nada. Apenas cruzou os braços e ficou me esperando falar alguma coisa.

Eu só precisei de um instante para me recompor e começar a me sentir mal por ter perdido a paciência com ele.

— Desculpa — murmurei baixo. — Sei que você só está tentando ajudar.

— Tudo bem — disse ele, compreensivo. — Você está num momento conturbado. Mas pode se permitir acreditar que as coisas vão melhorar.

Eu não tinha motivo para acreditar que as coisas iam melhorar, mas não era hora de entrar nesse assunto. Só suspirei e voltei a me concentrar no anúncio aberto no meu laptop.

— Qualquer coisa que pareça boa demais pra ser verdade em geral é mesmo.

Atrás de mim, Sam olhou para a tela.

— Nem sempre. E você tem que admitir que o apartamento parece incrível.

Parecia mesmo. Quanto àquilo ele tinha razão. Mas...

— São só duzentos dólares por mês, Sam.

— E daí? É um preço ótimo.

Fiquei olhando para ele.

— É, se a gente estivesse em 1978. Se alguém só está pedindo duzentos dólares por mês hoje, provavelmente é porque tem cadáveres no porão.

— Não inventa.

Sam passou uma das mãos pelo cabelo loiro-acinzentado todo desgrenhado. Mexer no cabelo era uma das coisas mais óbvias que ele fazia quando estava tentando enrolar alguém. Pelo menos desde o sexto ano, quando Sam tentara convencer a professora de que não tinha sido eu quem desenhara flores rosadas por toda a parede do banheiro das meninas. Ele não havia conseguido enganar a sra. Baker na época — eu tinha mesmo desenhado aquela paisagem bucólica em um tom neon agressivo —, e não ia me enganar agora.

Como ele ia ser advogado blefando tão mal?

— Talvez a pessoa não fique muito em casa e só precise de alguém no apartamento por questões de segurança, e não pelo dinheiro — sugeri Sam. — Talvez seja meio trouxa e não tenha ideia do quanto poderia pedir.

Eu continuava cética. Vinha revirando sites de anúncios e o Facebook já fazia duas semanas, desde que me deparara com o aviso de despejo na minha porta da frente por falta de pagamento do aluguel. Não havia nada disponível por menos de mil, assim tão perto do centro financeiro da cidade. Em Lincoln Park, os valores ficavam até mais próximos de mil e quinhentos.

Duzentos não era apenas “um pouco” abaixo do mercado — não estava nem no mesmo universo do mercado.

— O anúncio nem tem foto — argumentei. — Outro sinal de que tem alguma coisa errada. É melhor ignorar e continuar procurando.

Porque, sim, eu ia ter que ir ao tribunal na semana seguinte se não me mudasse antes; e, *sim*, morar em um apartamento tão barato me ajudaria a ter algum controle sobre minha vida e talvez até me impedisse de terminar na mesmíssima situação em questão de meses. Mas já fazia mais de dez anos que eu morava na região de Chicago. Era impossível que uma oportunidade *tão* boa em Lincoln Park não fosse a maior cilada.

— Cassie. — O tom de Sam era calmo e paciente, e mais do que um pouco condescendente. Precisei me lembrar de que ele só estava tentando ajudar, de um jeito bem Sam, e me contive. — A localização do apartamento é ótima. Você não vai ter dificuldade para pagar. E fica perto o bastante do metrô pra você chegar rapidinho nos seus trabalhos. E, se as janelas forem mesmo grandes, deve entrar bastante luz natural.

Arregalei os olhos. Não tinha pensado na iluminação quando li o anúncio. Mas, se o lugar tinha mesmo janelões dando para o lago, Sam devia estar certo.

— Talvez eu consiga voltar a criar de casa — comentei.

Fazia quase dois anos que não morava em um lugar com uma iluminação boa o suficiente para trabalhar nas minhas obras. E sentia mais falta disso do que gostaria de admitir.

Sam sorriu, parecendo aliviado.

— Exatamente.

— Tá — cedi. — Vou pelo menos pedir mais informações.

Sam apoiou a mão no meu ombro. Seu toque caloroso e firme me acalmou, como sempre acontecera todas as vezes que eu precisara desde que éramos crianças. O nó de ansiedade que parecia ter se instalado permanentemente na boca do meu estômago naquelas duas semanas começou a afrouxar.

Pela primeira vez em um tempão, senti que conseguia respirar outra vez.

— Vamos ver o apartamento e conhecer a pessoa antes de tomar uma decisão, lógico — disse ele, rápido. — Posso até negociar, se você não quiser se comprometer em ficar um tempo mínimo. Assim, se for péssimo mesmo, você pode ir embora sem quebrar outro contrato.

O que significaria que eu não precisaria me preocupar com a possibilidade de ser arrastada para o tribunal por outro proprietário furioso. Sinceramente, seria ótimo. Se a pessoa se revelasse um assassino com um machado, um membro do Partido Libertário ou qualquer outra coisa terrível, um acordo sem tempo mínimo de locação me permitiria ir embora a qualquer momento, sem nada que me prendesse.

— Você faria isso por mim? — perguntei.

Novamente, me senti mal por minha falta de paciência com ele.

— Pra que serve meu diploma de direito?

— Bom, poderia servir pra ganhar uma porrada de dinheiro pro seu escritório, em vez de pra ajudar pessoas que não param de fazer cagada, como eu.

— Já estou ganhando uma porrada de dinheiro pro meu escritório — garantiu ele, sorrindo. — Mas como você não quer um empréstimo...

— Não quero mesmo — insisti.

Tinha sido escolha minha fazer pós-graduação em algo que não dava dinheiro e acabar soterrada em dívidas de financiamento estudantil e com poucas perspectivas de emprego. Não ia tornar aquilo problema de mais ninguém.

Sam suspirou.



— Você não quer. Beleza. Já passamos por isso. Várias vezes. — Ele balançou a cabeça e então acrescentou, em um tom mais melancólico: — Quería que você aceitasse morar com a gente, Cassie. Ou com Amelia. Isso resolveria tudo.

Mordi o lábio e fingi estar completamente absorta pelo anúncio no laptop só para evitar olhar para ele.

Na verdade, uma grande parte minha estava aliviada por Sam e Scott terem comprado um apartamentinho com vista para o lago onde mal cabiam os dois e seus dois gatos. Ainda que morar com eles fosse me poupar do estresse e das dificuldades que eu enfrentava agora, fazia só dois meses que Sam e Scott haviam se casado. Se eu morasse com eles, não apenas impediria os dois de fazer sexo onde e quando quisessem, como imaginava que era a vontade de recém-casados, como seria um lembrete desagradável de quanto tempo fazia que eu não namorava.

Também seria um lembrete constante do fracasso colossal que eu era em todos os outros aspectos da vida.

E lógico que morar com Amelia não era uma opção. Sam não entendia que sua irmã perfeita e toda certinha sempre me menosprezara e considerara uma negação. Mas era a verdade.

Sinceramente, encontrar um lugar para morar que não fosse nem o sofá novo de Sam e Scott nem o loft de Amelia em Lakeview seria melhor para todos.

— Vou ficar bem — prometi, tentando passar a impressão de que acreditava naquilo. Meu estômago se revirou um pouco diante da preocupação visível no rosto de Sam. — É sério. Vou ficar bem. Sempre fico, não é?

Ele sorriu e bagunçou meu cabelo curto demais — seu jeito de me provocar. Em geral eu não me importava, mas tinha praticamente tosado meu cabelo do nada algumas semanas antes, porque estava frustrada e precisava de um escape que não exigisse acesso à internet. Tinha sido mais uma das minhas decisões recentes não muito brilhantes. Meu cabelo loiro, grosso e enrolado tendia a ficar arrepiado em pontos esquisitos se eu não cortasse com um profissional. E, com Sam bagunçando meu cabelo, eu devia parecer um Muppet que havia acabado de enfiar o dedo na tomada.

— Para com isso — falei, rindo e me afastando dele.

Eu já estava mais de bom humor, provavelmente por isso Sam havia feito aquilo.

Ele pôs a mão no meu ombro.

— Se mudar de ideia quanto ao empréstimo...

Sam deixou a frase no ar.

— Se eu mudar de ideia quanto ao empréstimo, você vai ser o primeiro a saber — afirmei.

Mas ambos sabíamos que eu não mudaria.

.....

ESPEREI ATÉ CHEGAR À BIBLIOTECA PÚBLICA, À TARDE, PARA ENTRAR em contato com a pessoa que anunciara o aluguel de duzentos dólares.

De todos os bicos não relacionados a arte que eu vinha conciliando desde que concluía a pós-graduação, aquele era meu preferido. Não que eu amasse todos os aspectos do trabalho. Embora ficar cercada por livros fosse ótimo, eu trabalhava na seção de livros infantis. Então alternava entre atender no balcão, guardar livros sobre dinossauros, gatos guerreiros e dragões e responder a perguntas de pais frenéticos enquanto seus filhos pequenos davam chique.

Eu sempre tinha me dado bem com crianças mais velhas. Gostava do conceito abstrato de pequenos humanos e entendia — na teoria, pelo menos — por que alguém poderia querer um em sua vida. Mas, ainda que Sam e eu pensássemos nos gatos mimados dele como seus filhos, ninguém na minha vida tinha um filho *humano* ainda. Lidar com crianças pequenas vinte horas por semana em um cargo de atendimento ao público vinha sendo uma introdução cansativa a elas.

No entanto, trabalhar na biblioteca ainda era meu trabalho preferido por causa de todo o tempo livre que implicava. Eu não tinha nem de perto tanta folga nos meus turnos no Gossamer's, o café que ficava perto do que logo seria meu antigo apartamento — e esse era o *pior* aspecto daquele trabalho em particular.

— As coisas estão tranquilas hoje — comentou Marcie, sentada na cadeira ao meu lado.

Ela era minha gerente, uma mulher agradável de cinquenta e muitos anos que na prática comandava toda a seção infantil. Comentar que as coisas estavam tranquilas de tarde era meio que uma piada interna nossa, porque *todas* as tardes eram tranquilas ali. Entre uma e quatro, a maior parte do nosso público estava ou dormindo ou ainda na escola.

Eram duas horas. Apenas uma criança havia entrado nos noventa minutos anteriores. Não apenas aquilo não era digno de nota como era perfeitamente normal.

— Estão mesmo — concordei, sorrindo para ela. Então me virei para o computador do balcão de empréstimos e devoluções.

Em geral, eu usava o tempo livre na biblioteca pesquisando futuros empregadores em potencial e me candidatando a vagas. Não era muito exigente. Me candidatava a quase tudo — mesmo que não tivesse nada a ver com arte — o que promettesse mais dinheiro e mais horas fixas que minha situação desconjuntada atual.

Às vezes, eu usava aquele tempo para pensar em projetos artísticos futuros. A iluminação era bem ruim no apartamento onde eu morava, por isso era muito difícil desenhar e pintar as imagens que formavam a base dos meus trabalhos. E, embora eu não pudesse pôr meus projetos em andamento na biblioteca, porque minhas pinturas faziam sujeira demais e os últimos passos envolviam incorporar objetos descartados, o balcão de empréstimos e devoluções era grande e iluminado o suficiente para que eu pelo menos produzisse rascunhos iniciais, a lápis.

Naquele dia, no entanto, eu precisava usar o tempo livre para responder ao anúncio problemático de apartamento. Poderia ter feito aquilo antes, mas não fizera — em parte porque continuava cética, mas principalmente porque, para economizar, havia cortado o wi-fi fazia algumas semanas.

Abri o anúncio no computador. Não havia mudado desde a última vez que eu o vira. O estilo estranhamente formal continuava ali. O valor absurdamente baixo do aluguel também, e disparava tantos alarmes na minha cabeça agora quanto havia disparado da primeira vez.

Mas outra coisa que não havia mudado era minha situação financeira. E trabalhos na minha área continuavam difíceis de encontrar. E pedir

ajuda a Sam — ou a meus pais, que eram contadores e me amavam demais para admitir na minha cara a decepção que eu era — ainda era algo impensável.

Fora que o proprietário do apartamento onde eu morava ainda planejava me despejar na semana seguinte. Para ser justa, eu não podia nem culpar o cara. Ele tinha tolerado vários alugueis atrasados e acidentes de arte envolvendo solda nos dez meses anteriores. No lugar dele, eu provavelmente me botaria para fora também.

Antes que pudesse me convencer a não fazer aquilo, e com a voz preocupada de Sam ecoando nos meus ouvidos, abri o e-mail. Passei os olhos pela caixa de entrada — um anúncio de promoção de dois por um de uma loja de sapatos, uma manchete do *Chicago Tribune* sobre uma série bizarra de arrombamentos de bancos de sangue locais —, depois comecei a digitar.

De: Cassie Greenberg <csgreenberg@gmail.com>

Para: fjfitzwilliam@gmail.com

Assunto: Seu anúncio

Oi,

Vi seu anúncio procurando alguém para dividir o apartamento. Meu contrato atual está para acabar e seu apartamento parece perfeito. Tenho 32 anos, moro em Chicago há dez e sou professora de artes. Não fumo e não tenho animais de estimação. Você diz no anúncio que não fica muito em casa à noite. Eu quase nunca estou em casa durante o dia, então acho que seria ótimo para nós dois.

Imagino que tenha aparecido um monte de gente interessada no apartamento, considerando a localização, o preço e tudo o mais. Mas, caso ainda esteja disponível, estou mandando alguns contatos para referência. Fico aguardando uma resposta.

Cassie Greenberg

Senti uma pontada de culpa por ter exagerado detalhes importantes.

Para começar, havia acabado de dizer a alguém que eu não conhecia que era professora de artes. O que *tecnicamente* era verdade. Eu tinha entrado na faculdade para ser professora de artes, e não era que eu *não quisesse* ser. Mas no penúltimo ano do curso tinha me apaixonado perdidamente por artes aplicadas e design, e em uma matéria do último eu havia estudado Robert Rauschenberg e seu método que combinava pintura e escultura. O mal estava feito. Eu acabara emendando a formatura com uma pós-graduação em artes aplicadas e design.

E tinha amado cada segundo.

Até, claro, me formar. Então aprendera, rapidinho, que minha visão artística e as habilidades que havia desenvolvido eram nichadas demais para a maioria das escolas. Os departamentos de arte das universidades tinham a mente mais aberta, mas conseguir qualquer coisa mais estável que um trabalho temporário era como ganhar na loteria. Eu às vezes ganhava um dinheirinho em exposições quando alguém comprava uma das minhas obras — indivíduos que também viam uma beleza irônica em latas de Coca enferrujadas inseridas em paisagens litorâneas. Mas isso não acontecia com muita frequência. Então, sim, embora eu teoricamente fosse professora de artes, a maior parte da minha renda desde a pós-graduação vinha de trabalhos em meio período que pagavam mal, como o na biblioteca.

Nada disso me fazia parecer uma boa inquilina em potencial. Tampouco o fato de que os contatos para “referências” não eram de proprietários de imóveis onde eu havia morado — porque eles não teriam coisas boas a dizer a meu respeito —, e sim de Sam, Scott e minha mãe. Mesmo eu sendo uma decepção, meus pais não iam querer que sua única filha morasse na rua.

Depois de alguns momentos de angústia, concluí que não importava se havia algumas mentiras inofensivas no e-mail. Fechei os olhos e apertei “enviar”. Qual era a pior coisa que poderia acontecer? A pessoa, que eu não fazia ideia de quem era, descobrir que eu havia enfeitado um pouco a verdade e não aceitar dividir o apartamento comigo?

Eu nem tinha certeza de que queria morar lá, sabe.

Passi menos de dez minutos me preocupando antes de receber uma resposta.

De: Frederick J. Fitzwilliam <ffitzwilliam@gmail.com>  
Para: Cassie Greenberg <csgreenberg@gmail.com>  
Assunto: Seu anúncio

Cara srta. Greenberg,

Fico muito agradecido por sua mensagem expressando interesse no segundo quarto do apartamento. Como mencionado no anúncio, ele tem um estilo moderno, mas de bom gosto. Acredito, como outros me disseram, que também seja bastante espaçoso, em se tratando de um segundo quarto. Respondendo à pergunta que não foi feita diretamente: o quarto continua disponível, caso seu interesse se mantenha. Informe assim que possível caso seja de seu desejo se mudar, e prepararei os documentos necessários para sua assinatura.

Cordialmente,  
Frederick J. Fitzwilliam

Fiquei olhando para o nome ao fim do e-mail.

*Frederick J. Fitzwilliam?*

Que tipo de nome era aquele?

Reli o e-mail, tentando entendê-lo enquanto Marcie pegava o celular para dar uma olhada no Facebook, como fazia todo dia.

Então era um homem que tinha publicado o anúncio. Ou, pelo menos, alguém com um nome tradicionalmente masculino. Aquilo não me incomodava. Se eu acabasse mesmo indo para lá, Frederick não seria o primeiro homem com quem eu moraria desde que havia deixado a casa dos meus pais.

O que me incomodava, na verdade, era... todo o resto. O e-mail era tão estranho e tão formal que eu estava me perguntando quantos anos exatamente tinha aquela pessoa. E o cara ainda estava sugerindo que talvez eu quisesse me mudar sem ter visto o apartamento, o que era bem esquisito.

Procurei ignorar aquelas questões, lembrando a mim mesma de que tudo o que importava era que o apartamento estivesse em boas condições e que ele não fosse um assassino com um machado.

Eu precisava ver o lugar e conhecer Frederick J. Fitzwilliam pessoalmente antes de me decidir.

De: Cassie Greenberg <csgreenberg@gmail.com>  
Para: Frederick J. Fitzwilliam <ffitzwilliam@gmail.com>  
Assunto: Seu anúncio

Oi, Frederick.

Que bom que ainda está disponível. Pela descrição, parece ótimo, e eu queria dar uma passada para ver. Estou livre amanhã à tarde, se funcionar para você. E daria para me mandar algumas fotos? Não tinha nenhuma no anúncio, e seria bom ver algumas antes da visita.

Obrigada!  
Cassie

De novo, só tive que esperar alguns minutos pela resposta.

De: Frederick J. Fitzwilliam <ffitzwilliam@gmail.com>  
Para: Cassie Greenberg <csgreenberg@gmail.com>  
Assunto: Seu anúncio

Olá novamente, srta. Greenberg.

Fique à vontade para visitar o apartamento. Faz todo o sentido que deseje vê-lo antes de tomar uma decisão. Receio que estarei indisposto amanhã à tarde. Por acaso seria possível depois do pôr do sol? Costumo estar melhor no início da noite.

Como pedido, anexeí fotografias de dois cômodos que provavelmente usaria com frequência caso decida se mudar. O primeiro é o segundo quarto, com a decoração atual. (É claro que a senhorita poderá mudar a decoração como desejar caso decida morar aqui.) O segundo cômodo é a cozinha.

(Pensei ter incluído as duas fotografias quando coloquei o anúncio, mas talvez tenha cometido algum engano.)

Cordialmente,  
Frederick J. Fitzwilliam

Assim que terminei de ler o e-mail de Frederick, cliquei nas fotos que ele me mandou e...

Nossa.

Nossa.

Tã.

Eu não sabia qual era a daquele cara, mas ele *certamente* não se encontrava na mesma esfera socioeconômica que eu. Também era possível que nem vivêssemos no mesmo século.

A cozinha não era apenas diferente de todas as cozinhas de todos os lugares onde eu havia morado.

Parecia pertencer a uma era totalmente diferente.

Nada nela parecia ter sido feito nos cinquenta anos anteriores. A geladeira tinha um formato estranho, meio ovalado em cima, e era bem menor que a maioria. Não era de inox, preta ou branca — as únicas cores que eu associava a geladeiras —, mas de um tom bastante incomum de azul-claro.

Que combinava perfeitamente com o fogão ao lado.

Eu me lembrava vagamente de ter visto eletrodomésticos parecidos em um episódio colorizado de *I Love Lucy* quando era pequena. Me senti meio estranha e desorientada ao tentar aceitar a ideia de que uma cozinha antiga daquelas existisse em um apartamento moderno.

Então parei de tentar e passei para a foto do quarto. Era grande, como dizia no anúncio. De alguma maneira, parecia ainda mais antiquado que a cozinha. A cômoda era maravilhosa, feita de uma madeira escura que eu não conseguia identificar, com entalhes ornamentais no tampo e nos puxadores. Parecia algo que podia ser encontrado em um antiquário. Assim como a colcha florida e provavelmente feita à mão que cobria a cama.

Quanto à cama em si, sem brincadeira, tinha um dossel do qual caíam cortinas de renda branca. O colchão era grosso e parecia suntuoso e confortável.



Pensei nos móveis vagabundos de segunda mão no meu apartamento, que logo não seria mais meu. Se eu me mudasse para o lugar do anúncio, poderia mandar tudo para um bazar.

Aquelas fotos, e os e-mails, sugeriam que, embora Frederick talvez fosse muito mais velho do que eu, provavelmente não roubaria todas as minhas coisas no dia seguinte à minha mudança.

Eu podia lidar com um esquisitão de talvez setenta anos, desde que ele não fosse me roubar ou me matar.

Por outro lado, não dava para ter certeza de muita coisa só por e-mail.

De: Cassie Greenberg <csgreenberg@gmail.com>  
Para: Frederick J. Fitzwilliam <ffitzwilliam@gmail.com>  
Assunto: Seu anúncio

Frederick,

As fotos são lindas. O apartamento parece ótimo! Quero mesmo ver, mas não consigo ir no fim de tarde, só umas oito. Fica muito tarde? Me diga o que acha, obrigada.

Cassie

A resposta dele chegou em menos de um minuto.

De: Frederick J. Fitzwilliam <ffitzwilliam@gmail.com>  
Para: Cassie Greenberg <csgreenberg@gmail.com>  
Assunto: Seu anúncio

Cara srta. Greenberg,

Às oito horas funciona perfeitamente para mim. Vou me certificar de deixar tudo bem arrumado para que o apartamento esteja como deveria quando da sua visita.

Cordialmente,  
Frederick J. Fitzwilliam

.....

AQUELA NOITE, SAM PASSOU LÁ EM CASA, TRAZENDO CAIXAS para a mudança e dois cafés enormes do Starbucks.

— Puxa uma cadeira — falei, sem emoção, apontando para onde minha poltrona reclinável de segunda mão costumava ficar.

Eu a havia vendido no Facebook no dia anterior, por trinta dólares, que era mais ou menos quanto valia mesmo.

Sam sorriu, colocou uma caixa aberta no chão com todo o cuidado e se sentou nela.

— Já puxei — disse ele.

— Obrigada pelas caixas — falei, indicando-as com a cabeça.

Mesmo que eu acabasse não indo morar no quarto totalmente mobiliado de Frederick, pretendia sair daquele lugar somente com minhas roupas, meus materiais artísticos e meu laptop. O essencial, mas mesmo assim eu precisaria empacotar tudo.

— Imagina.

Sam me passou o café que eu havia pedido. Ele tinha dito que eu podia escolher o que quisesse, mas não tive coragem de pedir a bomba de açúcar multicolorida que eu realmente queria, e acabei optando por um café simples mesmo.

— Mal posso esperar para voltar a morar em um lugar que tenha wi-fi — comentei, tomando um gole e fazendo uma leve careta diante do gosto amargo. Como alguém podia gostar de café puro? Eu sempre me perguntava isso quando estava trabalhando no Gossamer's. — Estou com saudade de *Drag Race*.

Sam pareceu tomar meu comentário como um insulto.

— Mas tenho te falado quem venceu!

Fiz um gesto de “mesmo assim”.

— Não é a mesma coisa. — Eu tinha um fraco por reality shows, e os resumos sucintos de Sam simplesmente não bastavam. — Bom, você vai comigo amanhã à noite, né?

— Claro — disse ele. — A ideia foi minha, afinal.

— Foi mesmo.

— Se você tem que estar lá às oito, te pego quinze pras oito. Pode ser?

— Ok. Vou estar saindo da biblioteca.

Às terças à noite, aconteciam algumas atividades especiais para as crianças na biblioteca, o que significava que todo mundo tinha que trabalhar até as sete e meia. Para falar a verdade, eu adorava essas noites. Sempre fazíamos alguma coisa artesanal, o que me permitia fingir por um tempinho que a arte ainda era uma parte significativa da minha vida.

Comecei a empacotar minhas coisas, tentando me lembrar de que precisava deixar de fora minha camiseta da *Vila Sésamo* que dizia “Ler é demais!”. A biblioteca gostava que a gente se arrumasse para as crianças nas terças.

— Ótimo — disse Sam. — Se eu te pegar essa hora, vamos ter tempo de sobra pra chegar no apartamento. Se bem que...

Ele deixou a frase morrer e baixou os olhos para o café.

Notei sua expressão preocupada.

— Que foi?

Sam hesitou.

— Não deve ser nada... Mas achei que devia te contar que não achei nenhum “Frederick J. Fitzwilliam” quando procurei no Google hoje.

Fiquei olhando para ele.

— Quê?

— É... — Sam tomou um gole de café, parecendo pensativo. — Se aprendi alguma coisa com a disciplina de justiça criminal na faculdade é que nunca se deve ir morar com uma pessoa antes de dar uma pesquisada nela. Então procurei o nome do cara na internet, imaginando que com um nome como “Frederick J. Fitzwilliam” seria fácil, mas...

Ele balançou a cabeça.

O constante nó de ansiedade na boca do meu estômago apertou um pouco mais.

— Nada?

— Nada — confirmou Sam. — Procurei até nas fichas criminais do condado. Não tem nada em lugar nenhum sobre um Frederick J. Fitzwilliam. — Ele fez uma pausa. — É como se o cara não existisse.

Fiquei parada ali, perplexa. Em uma época em que tudo sobre qualquer pessoa podia ser descoberto em uma busca de dois minutos na internet, como era possível que Sam não tivesse encontrado nada?

— Talvez seja um nome falso que ele está passando a quem pergunta sobre o apartamento — sugeriu Sam. — O pessoal nesses sites de anúncios pode ser bem esquisito. Talvez ele queira manter o anonimato.

Tal possibilidade fez com que eu me sentisse um pouco melhor. Porque aquilo parecia plausível. Eu me lembrei de um momento durante a faculdade em que gostaria muito de ter passado um nome falso para alguém no mesmo site de anúncios. Fazia dez anos que eu tinha me formado, e a Sociedade Literária da Younker College ainda não me deixava em paz.

— É — comentei. — Mas se ele quisesse manter o anonimato, pra que colocar o e-mail no anúncio? Era só ter usado a conta anônima que o site gera automaticamente pra quem publica um anúncio.

Um silêncio se prolongou entre nós enquanto considerávamos o que aquilo tudo podia significar, interrompido apenas pelo som abafado do tráfego do lado de fora.

Depois de um tempo, eu me inclinei para Sam e perguntei:

— Se esse cara for o próximo Jeffrey Dahmer, promete que vai vingar a minha morte?

Sam riu.

— Achei que você queria que eu fosse junto. Se ele for o próximo Dahmer, vamos estar os dois ferrados. E depois mortos.

Eu não havia pensado naquilo.

— Verdade. — Refleti por um momento. — Talvez seja melhor você esperar no carro. Eu mando uma mensagem quando entrar. Se não sair em meia hora, você liga pra polícia.

— Claro — respondeu Sam, sorrindo outra vez. Só que o sorriso não chegava a seus olhos. Ele nunca escondia bem de mim as preocupações. — Sabe, se Scott e eu nos livrássemos do que temos repetido depois do casamento, tenho certeza de que sobraria um espacinho pra você, até encontrar um lugar mais permanente.

Engoli em seco com o reforço daquela oferta.

— Obrigada — disse, e estava sendo sincera. Tive que desviar os olhos para conseguir acrescentar: — Eu... vou pensar no assunto.

# DOIS



## lista de afazeres de FJF: 15 de outubro

1. Espanar o pó dos móveis da sala de estar.
2. Passar aspirador no segundo quarto.
3. Comprar comida normal para a geladeira e a despensa antes da visita da srta. Cassie Greenberg.
4. Caso a srta. Greenberg não deseje alugar o segundo quarto, perguntar a Reginald como incluir fotografias no anúncio, para evitar interações desnecessárias com interessados no futuro.
5. Renovar os livros da biblioteca.
6. Escrever para mamãe.

O APARTAMENTO DE FREDERICK FICAVA EM UMA PARTE DE Lincoln Park que eu raramente visitava. Apenas alguns quarteirões a oeste do lago, ao fim de uma fileira de prédios elegantes de tijolinhos que, se eu tivesse que adivinhar, deviam valer vários milhões de dólares cada.

Eu me recusei a pensar a respeito. Já era intimidante o suficiente respirar o mesmo ar que as pessoas que moravam ali. Não havia necessidade de piorar as coisas remoendo o fato de que eu nunca poderia morar ali sem ganhar na loteria ou entrar para o crime organizado.

— Vou procurar uma vaga — disse Sam, enquanto eu saía do carro. Quando olhei para trás, ele parecia preocupado de novo. — Me manda mensagem quando entrar, tá?

— Tá — prometi, um pouco trêmula.

Tínhamos nos acalmado um pouco quando nos demos conta de que Frederick J. Fitzwilliam poderia ser apenas um pseudônimo para o site de anúncios. Mas a situação toda ainda era esquisita.

Apertei um pouco meu cachecol. Outubro em Chicago era sempre um pouco mais frio que o necessário. E o vento era forte tão perto do lago. Atravessava minha camiseta fina como uma tesoura cortando o papel.

Eu deveria ter vindo de casaco, mesmo que fosse acabar manchado de tinta por causa do evento na biblioteca.

O evento *superdivertido*, aliás, que eu e Marcie tínhamos planejado sozinhas. A julgar pelo número de crianças que precisara ser arrastado para fora da biblioteca aos prantos quando acabou, “Pinte sua princesa preferida da Disney” tinha sido um enorme sucesso. Não consegui reprimir um sorriso ao pensar a respeito, mesmo que estivesse passando frio e tremendo, e mesmo que soubesse que minha camiseta da *Vila Sésamo* da biblioteca, minha calça jeans rasgada de tanto usar e meu All Star laranja furado provavelmente passariam a impressão de que eu havia me vestido dentro de um armário escuro de materiais de arte.

Eu adoraria se todas as noites na biblioteca fossem como a noite de artes, embora tivesse consciência de que aquilo não era possível. Aquelas noites sempre terminavam com a ala infantil de pernas para o ar, com tinta em todas as superfícies e uma variedade de substâncias misteriosas grudada no carpete. O pessoal da limpeza — e Marcie e eu — passava dias esfregando tudo.

De alguma maneira, no entanto, nada disso importava. Era impossível ficar de mau humor quando eu havia acabado de passar duas horas com um pincel nas mãos, ajudado um menininho sorridente a pintar uma Ariel com o cabelo bem vermelho, e ainda tinha sido paga para isso. Mesmo que agora eu estivesse indo conhecer um colega de apartamento em potencial que podia ou não ser um assassino em série.

Era bom ter Sam me esperando no carro, só por precaução.

Dei uma olhada no celular para conferir o endereço e o código de entrada que Frederick havia me mandado por e-mail. Corri para o prédio, digitei depressa o número e me arrastei pelos três lances de escada até o último andar. Esfreguei as mãos geladas uma na outra e aproveitei o

calorzinho da escada depois de passar menos de dois minutos lá fora, no que teoricamente era o outono em Chicago.

Quando parei diante do apartamento de Frederick, fui recebida por um capacho rosa escrito “BEM-VINDO!”. Tinha a imagem de um filhote de golden retriever e um gatinho rolando juntos em um campo de gramíneas altas, e talvez fosse a coisa mais cafona que eu já tinha visto fora de uma loja de materiais de artesanato.

Parecia tão deslocado naquele prédio chique e multizilionário que me perguntei se o frio podia ter mexido com minha cabeça e aquilo fosse fruto da minha imaginação.

A porta do apartamento se abriu antes que eu tivesse a chance de bater — e de repente eu não estava mais pensando no capacho cafona me dando as boas-vindas.

— Você deve ser a srta. Cassie Greenberg. — A voz dele era profunda e agradável. De alguma forma, eu conseguia *senti-la* na boca do estômago. — Sou o sr. Frederick J. Fitzwilliam.

Então me ocorreu, enquanto eu estava parada ali, piscando que nem uma idiota para o cara com quem eu poderia vir a dividir um apartamento, que eu não havia pensado direito em como seria a aparência da pessoa por trás do anúncio. Porque não importava. Eu precisava de um lugar barato onde morar, e o apartamento de Frederick era barato — mesmo que as circunstâncias fossem um pouco estranhas.

Eu havia passado boa parte do dia me perguntando se escrever para o cara tinha sido uma boa ideia ou se ele acabaria se revelando um psicopata. Mas a aparência dele nem tinha passado pela minha cabeça.

Agora, ali estava eu, a menos de dois passos do homem mais lindo que já havia visto...

De repente, a aparência de Frederick J. Fitzwilliam era *tudo* em que eu conseguia pensar.

Ele devia ter uns trinta e cinco anos, embora tivesse o tipo de rosto comprido, pálido e ligeiramente anguloso que tornava mais difícil arriscar. Sua voz não era o único traço de milhões que completava aquela maravilhosidade. Não, Frederick também tinha um cabelo ridiculamente grosso e escuro, que caía de maneira exuberante em sua testa, como se

ele fosse um personagem de um drama histórico em que pessoas com sotaque inglês se beijam na chuva. Ou como se fosse o mocinho do último romance de época que eu havia lido.

Quando Frederick me abriu um sorrisinho ansioso, uma covinha surgiu em sua bochecha direita.

— Eu... — comecei a dizer, porque ainda tinha alguma coisa na cabeça, a ponto de lembrar que quando alguém se apresenta, os parâmetros sociais ditavam que devemos dizer algo de volta. — Você... hum.

Por dentro, eu gritava comigo mesma para sair do transe. Não tinha o costume de ficar babando na cara dos outros ou de automaticamente morrer de tesão assim que conheço alguém bonito. Não assim, pelo menos. Eu ainda não tinha nem certeza de que queria me mudar para aquele apartamento, mas também não queria que o cara me rejeitasse direto só porque eu fiquei toda esquisita e agi de forma inapropriada.

Sim, Frederick J. Fitzwilliam tinha um corpo largo e musculoso que sugeria que ele havia levado times de futebol americano à vitória quando era mais novo e continuava malhando com regularidade. Mas isso não importava.

Sim, ele estava usando um terno de três peças com caimento perfeito, o paletó cinza-escuro e a camisa branca engomada se agarrando a seus ombros largos como se tivessem sido feitos especialmente para aquele corpo, assim como a calça do conjunto. Mas isso também não importava.

Nada daquilo importava, porque ele era apenas alguém de quem eu talvez alugasse um quarto. Só isso.

Eu precisava me controlar.

Tentei me concentrar nos aspectos mais excêntricos da roupa dele — a espécie de lenço azul de babados que usava amarrado no pescoço, os sapatos brogue lustrosos —, mas não adiantou. Mesmo com aqueles acessórios incomuns, ele continuava sendo o homem mais bonito que eu já tinha visto.

Enquanto eu estava ali gritando comigo mesma para não ficar secando o cara, mas sem conseguir me convencer, Frederick me olhava com uma expressão intrigada. Eu não tinha certeza do que exatamente o intrigava. Ele *devia* saber que era muito gato. Devia estar acostumado com



aquele tipo de reação dos outros. Provavelmente precisava de uma vara para afastar os tarados sempre que saía de casa.

— Srta. Greenberg?

Frederick inclinou a cabeça de lado, imagino que esperando que eu formasse uma frase completa. Como isso não aconteceu, ele saiu para o corredor — talvez para ver de perto a esquisitona que havia acabado de aparecer à sua porta.

Mas seus olhos não estavam mais em mim. Estavam no chão, fixos no capacho cafona aos meus pés.

Ele olhou feio para aquela coisa horrorosa, como se o ofendesse pessoalmente.

— Reginald — murmurou Frederick, baixo, então se ajoelhou e pegou o capacho. Juro que *não* olhei para a bunda perfeita dele nesse momento. — Ele se acha tão engraçado...

Antes que eu pudesse perguntar quem era Reginald ou do que ele estava falando, Frederick voltou a se concentrar em mim. Devo ter parecido totalmente fora de órbita, porque a expressão dele se abrandou na mesma hora.

— Está tudo bem, srta. Greenberg?

A voz profunda dele transmitia uma preocupação genuína.

Com dificuldade, consegui tirar os olhos do rosto perfeito dele e voltá-los para meus sapatos. Estremeci diante da visão do meu All Star surrado e com respingos de tinta. Estava tão impactada que tinha esquecido completamente que havia aparecido coberta de tinta e usando minhas piores roupas.

— Tudo bem — menti, e endireitei o corpo. — Eu só... é. Só estou um pouco cansada.

— Ah. — Ele assentiu, compreensivo. — Entendo. Bem, srta. Greenberg... continua interessada em visitar o apartamento esta noite para saber se atende a suas necessidades? Ou prefere remarcar, dada sua fadiga atual e seu...

Ele deixou a frase no ar enquanto os olhos me percorriam lentamente, absorvendo minha roupa como um todo.

Fiquei vermelha de constrangimento. Tá, beleza, claramente meu look não estava à altura daquele prédio. Mas ele podia deixar passar, né?

De certa maneira, no entanto, fiquei grata. Frederick podia ser o homem mais bonito que eu já tinha visto, mas gente que julgava as pessoas pela aparência e agia de forma esnobe em relação a isso me tirava do sério. A reação dele à minha roupa me ajudou a sair do estado ridículo em que eu me encontrava e voltar à realidade.

Balancei a cabeça.

— Não, tudo certo. — Eu ainda precisava de um lugar onde morar, afinal de contas. — Vamos fazer a visita. Estou me sentindo bem.

Ele pareceu aliviado, embora eu não entendesse o motivo, visto que não demonstrava estar nem um pouco impressionado comigo até então.

— Muito bem. — Frederick abriu um sorrisinho. — Entre, srta. Greenberg, por favor.

Como tinha visto as fotos que ele havia mandado, achava que estava preparada para o que me aguardava lá dentro. Mas percebi imediatamente que aquelas fotos não faziam justiça ao lugar.

Eu esperava que fosse chique. E era.

O que eu não esperava era que também fosse... *estranho*.

A sala de estar — como as fotos da cozinha e do segundo quarto que Frederick havia me mandado — parecia congelada no tempo, mas não de uma maneira que eu conseguisse expressar em palavras e não em qualquer período específico. A maior parte dos móveis parecia cara, mas havia uma mistura de estilos e de épocas que me dava dor de cabeça.

Dezenas de arandelas de latão na parede criavam o tipo de iluminação intimista e fraca que eu só tinha visto em filmes antigos e casas mal-assombradas. E o cômodo não era apenas mal iluminado. Era todo... escuro. As paredes eram pintadas de um tom chocolate escuro que eu recordava vagamente das aulas de história da arte que estivera na moda no período vitoriano. Havia duas estantes altas de madeira escura que deviam pesar uns quinhentos quilos, uma em cada ponta do cômodo, como sentinelas silenciosas. Em cima de cada uma delas ficava um candelabro ornamentado de bronze e malaquita que pareceria mais adequado em uma catedral europeia do século XVI. Eles se chocavam em estilo e em todas as outras maneiras imagináveis com a aparência tão moderna dos dois sofás de couro preto que ficavam um de frente para

o outro no meio da sala e a mesinha austera com tampo de vidro logo ali, na ponta da qual havia uma pilha alta do que pareciam ser romances de época do período da regência britânica, o que só contribuía para a incongruência da cena.

Além do verde-claro dos candelabros, as únicas cores que podiam ser encontradas na sala estavam no tapete persa florido, grande e extravagante que cobria a maior parte do chão, nos olhos vermelhos de uma cabeça de lobo empalhada, em cima da lareira, e nas cortinas vermelhas de veludo nos janelões que iam do chão ao teto.

Estremeci, e não só porque a sala estava gelada.

Em resumo, aquele cômodo era a confirmação de algo que eu sabia havia anos: gente rica costuma ter um gosto péssimo.

— Então... Você gosta de lugares escuros, né? — perguntei.

Talvez tenha sido a coisa mais óbvia e ridícula que eu poderia dizer, mas também foi a menos ofensiva em que consegui pensar. Olhei para o tapete enquanto esperava que ele respondesse, tentando decidir se as flores sobre as quais me encontrava por acaso eram para ser peônias.

Houve uma longa pausa antes que ele respondesse.

— Eu... prefiro lugares com iluminação escassa, sim.

— Mas aposto que entra bastante luz durante o dia. — Apontei para a fileira de janelas na parede que dava para o leste. — E deve ter uma vista maravilhosa do lago.

Ele deu de ombros.

— Imagino que sim.

Olhei para Frederick, surpresa.

— Você não sabe?

— Dada a proximidade do lago e o tamanho das janelas, imagino que a pessoa possa ver o lago muito bem daqui, caso seja de seu agrado.

— Ele mexeu em um anel dourado grande que tinha no mindinho, com uma pedra vermelho-sangue do tamanho da unha do meu dedão. — Mas mantenho as cortinas fechadas quando está sol. — Antes que eu pudesse perguntar por que desperdiçar uma vista daquelas, Frederick acrescentou: — Caso decida se mudar, você poderá abrir as janelas para ver o lago sempre que desejar.

Eu estava prestes a dizer a ele que seria exatamente o que eu faria caso me mudasse quando meu celular vibrou no bolso da frente da calça jeans.

— Hum — disse, sem graça, enquanto o pegava. — Um minuto.

Droga. Era Sam.

Em meio ao choque de constatar que Frederick era muito gato, eu havia esquecido de mandar uma mensagem dizendo que ainda não tinha sido assassinada.

Cassie, você está bem?

Estou tentando não surtar.

Por favor, me manda uma mensagem agora mesmo pra eu não ficar preocupado que você foi cortada em pedacinhos e colocada em sacos no congelador.

Tô bem

Só me distraí conhecendo o apartamento

Desculpa

Tá tudo bem

Então Frederick não é um assassino?

Se é, pelo menos não tentou me matar ainda

Mas não acho que ele seja um assassino

Só parece MUITO esquisito mesmo

Escrevo quando estiver saindo

Mandei um coração cor-de-rosa para Sam como oferta de paz, caso ele estivesse bravo.

— Desculpa — falei, sem graça, enfiando o celular de novo no bolso.

— Vim de carona com um amigo. Ele só queria saber se estava tudo bem.

Frederick abriu um sorriso quando eu disse isso — um sorriso meio torto e de lado que me fez esquecer que ele era esquisito demais e esnobe demais para despertar meu interesse.

— Ele fez muito bem — disse Frederick, assentindo. — Não tínhamos sido apresentados de maneira apropriada quando concordamos em nos encontrar. Agora, srta. Greenberg... podemos começar a visita?

As mensagens de Sam tinham me lembrado, porém, de que, embora eu quisesse dar uma boa olhada naquele lugar, havia algo importante que precisava ser elucidado antes de tudo.

— Na verdade, posso perguntar uma coisa primeiro?

Frederick congelou. Deu um passinho para longe de mim e enfiou as mãos no fundo do bolso da calça cinza.

Ele levou um bom tempo para me responder.

— Claro, srta. Greenberg. — Frederick cerrou a mandíbula e sua postura de repente ficou rígida. Parecia estar reunindo coragem para encarar uma tarefa desagradável. — Pode me perguntar o que quiser.

Endireitei a postura.

— Tá. Então, pode ser burrice minha perguntar isso, considerando que estou prestes a ir contra meus interesses aqui. Mas a curiosidade está literalmente me matando. Por que você só está pedindo duzentos por mês?

Ele deu outro passinho para trás, piscando para mim no que parecia ser uma expressão de confusão genuína. Certamente não era o que ele estava esperando que eu perguntasse.

— Perdão?

— Sei quanto deveria custar o aluguel em um lugar assim. Você só está pedindo, tipo... uma fração do valor.

Há outra pausa.

— É mesmo?

Eu o encaro.

— Sim. Claro que sim. — Faço um movimento vago indicando tudo o que nos rodeia, das arandelas às estantes, das janelonas ao tapete persa intrincado aos nossos pés. — Este lugar é incrível. E a localização? *Insana*.

— Eu... estou ciente de seus atributos — disse Frederick, parecendo atordoadado.

— Tá. Então qual é o lance? O valor que você está pedindo vai fazer todo mundo que vir seu anúncio pensar que tem alguma coisa errada aqui.

— É mesmo?

— Com certeza — repliquei. — Quase não vim por causa disso.

— Ah, não. — Ele gemeu. — E qual seria um valor mais apropriado? Eu não conseguia acreditar. Como alguém com grana o bastante para morar ali podia ter tão pouca noção do valor daquilo tudo?

— Bom...

Não concluí a frase, tentando entender se Frederick estava brincando comigo. A expressão de ligeiro pânico dele indicava que não era o caso. O que não fazia nenhum sentido. No entanto, mesmo que as chances fossem mínimas de que Frederick não soubesse que duzentos dólares por mês era um preço ridículo para morar ali, eu não ia me boicotar mais do que já havia feito dando a ele uma ideia do valor de mercado.

— Certamente mais do que duzentos dólares por mês.

Ele me encarou por um momento, depois fechou os olhos.

— Vou *matar* o Reginald.

Aquele nome de novo.

— Desculpa, mas quem é Reginald?

Frederick balançou a cabeça de leve.

— Ah, eu... não importa. — Ele suspirou e apertou a ponte do nariz. — Reginald é só... alguém que por acaso eu desprezo. Ele me deu uns conselhos bem ruins. Mas não se preocupe com isso, srta. Greenberg. Nem com ele.

Fiquei sem saber o que dizer em seguida.

— Ah.

— Sim. — Frederick pigarreou. — De qualquer maneira, está feito. Se quiser alugar o segundo quarto, não vejo necessidade de puni-la por meu erro ou por sua honestidade subindo o preço. Ficarei feliz em manter o valor do aluguel em duzentos dólares caso decida se mudar.

Ele deu de ombros. Como se descobrir que poderia receber muito mais dinheiro do que estava pedindo pelo quarto não fosse nada de mais.

Eu não conseguia imaginar como seria não se importar em perder uma grana assim.

Quanto dinheiro aquele cara tinha, afinal?

E talvez o mais importante: se ele não se importava com o dinheiro que ia receber pelo quarto, então por que o estava alugando?

Não tive coragem de fazer nenhuma dessas perguntas em voz alta.

— Obrigada. — Foi tudo o que eu disse. — Um aluguel de duzentos dólares me ajudaria muito.

— Ótimo. Agora, como parece que nos encontramos na parte de perguntas e respostas da visita, posso fazer uma também, srta. Greenberg?

Meu estômago se revirou. Seria possível que minha gratidão pelo aluguel barato tivesse indicado que eu havia mentido sobre meu trabalho no e-mail? Seria possível que ele tivesse descoberto que eu estava prestes a ser despejada?

Se estivéssemos prestes a ter aquele tipo de conversa...

Bom, melhor encarar logo aquilo.

— Manda — respondi, nervosa.

— Ainda que deseje sinceramente que quem quer que se mude para minha casa sinta que este também é seu lar, o acesso a dois cômodos está absolutamente proibido — explicou ele, com a expressão séria. — Caso venha morar aqui, eu precisaria que promettesse que não adentrará esses espaços durante o período em que dividirmos o mesmo teto. A senhorita concordaria com isso?

— Que cômodos?

Frederick ergueu um dedo comprido.

— Em primeiro lugar, meu quarto.

— Claro — concordei rapidamente. — Faz sentido.

— Devido à natureza do meu... *trabalho*, passo a maior parte das noites fora e durmo durante o dia. — Ele fez uma pausa, para ver como eu reagiria. — De modo geral, descanso entre as cinco da manhã e as cinco da tarde, embora o horário exato deva flutuar ao longo dos meses. Quando estou dormindo, é importantíssimo que eu descanse sem que me importunem.

Minha mente parou na parte do “devido à natureza do meu trabalho”. Minha compreensão do que CEOs e outros executivos ricos faziam da vida se limitava ao que eu via na TV, mas mesmo assim eu tinha certeza de que não era comum que eles fossem ao escritório apenas de madrugada.

Então Frederick deveria ser médico. Médicos faziam plantão noturno, certo?

De qualquer maneira, pedir que eu não entrasse no quarto dele me parecia justo.

— O quarto é seu — falei. — Entendo total.

Isso pareceu agradá-lo. Ele abriu um sorriso.

— Fico feliz que concorde.

— Qual é o outro cômodo proibido?

— Ah. Sim. — Ele apontou para o que parecia ser um armário no fim do corredor. — Aquele.

Franzi a testa.

— O que tem ali?

— Essa pergunta também é proibida.

Tá, aquilo me assustou um pouco. No fim das contas, talvez Frederick fosse mesmo um assassino.

— Não é... gente morta, né?

Ele arregalou os olhos.

— Gente morta? — Frederick pareceu horrorizado. Levou a mão ao peito de uma maneira que lembrava uma senhora agarrando seu colar de pérolas. — Por Deus, srta. Greenberg! Por que acha que eu teria gente morta no armário do corredor?

Ele estava levando a piada um pouco a sério demais.

— Tá, então não é gente morta. Mas pode pelo menos me dizer se o que tem ali é perigoso?

— Basta dizer que tenho um hobby um tanto... *constrangedor*. — Ele olhou para os próprios pés, como se seus sapatos lustrosos de repente fossem a coisa mais interessante no cômodo. — Um dia, talvez eu divulgue o conteúdo do armário para a pessoa com quem dividirei o apartamento. Mas, se o fizer, será nos meus termos, no momento e da maneira que me parecerem apropriados. — Frederick voltou a olhar para mim. — Não revelarei seu conteúdo hoje.

— Você coleciona toalhinhas de crochê, não é? — Não sei o que deu em mim para provocá-lo desse jeito, mas as palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse impedi-las. — Tem centenas delas naquele armário.

O canto de sua boca se ergueu um pouco, como se Frederick estivesse se esforçando muito para conter um sorriso.



— Não — respondeu ele. — Não coleciono toalhinhas de crochê.

Frederick não disse mais nada. Dessa vez, tive o bom senso de não prolongar o assunto. Dei de ombros e falei:

— Tudo bem por mim, de qualquer maneira. As coisas são suas e o apartamento é seu. Você faz as regras.

— Caso se mude para cá, espero que pense neste lugar como sua casa também.

Ele se aproximou um pouco, os olhos castanho-escuros avaliando os meus. Seus cílios eram tão compridos e bonitos, e seu olhar, tão penetrante, que senti meus joelhos fraquejarem. Frederick era tão bonito que chegava a ser injusto.

— Fora essas duas limitações, você poderá usar este apartamento livremente.

Engoli em seco, tentando controlar a respiração.

— Eu... acho que posso viver com isso.

— Excelente. — Dessa vez, Frederick permitiu que um sorriso tomasse conta do rosto. — Agora que já tratamos disso, vamos conhecer o apartamento?

## ARTISTA EXCÊNTRICA E VAMPIRO DO SÉCULO XVIII PASSAM A DIVIDIR APARTAMENTO EM NOVA COMÉDIA ROMÂNTICA PARANORMAL

Cassie Greenberg é apaixonada por arte, mas está difícil pagar as contas sendo artista. Prestes a ser expulsa de seu atual apartamento, ela precisa encontrar um lugar barato o mais rápido possível. No entanto, quando se depara com um quarto para alugar em uma localização incrível e por um valor baixíssimo, Cassie fica ao mesmo tempo empolgada e receosa – afinal, por aquele preço, parece bom demais para ser verdade.

Desesperada, ela concorda em morar com Frederick J. Fitzwilliam, o dono do apartamento – e um sujeito bastante incomum. Ele dorme o dia todo, passa a noite fora e fala como se tivesse saído de um romance de época. Por outro lado... também deixa bilhetes fofinhos para Cassie, se importa cada dia mais com seus projetos artísticos e a trata muito, muito bem. Além de não ficar nada mal sem camisa, diga-se de passagem.

Mas quando Cassie acaba encontrando bolsas de sangue na geladeira, Frederick precisa abrir o jogo: o novo colega de apartamento dela é um vampiro. E tem uma proposta para lhe fazer.

Recheado de referências divertidas à cultura pop e com uma química de tirar o fôlego entre os protagonistas, *Morando com um vampiro* é uma comédia romântica divertida e cativante que vai conquistar os fãs do gênero.

### SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/morando-com-um-vampiro/>